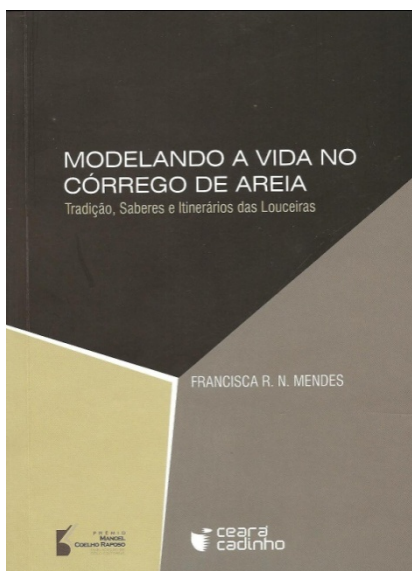


**Modelando a vida no Córrego de Areia: Tradição, Saberes e Itinerários das Louceiras**

Monalisa Dias de Siqueira<sup>1</sup>



ISBN 978-857563738-8

Resenha de MENDES, Francisca R. N.

**Modelando a vida no Córrego de Areia: Tradição, Saberes e Itinerários das Louceiras.** Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2011. 216 p.

O livro de Francisca Mendes é resultado de uma pesquisa de mais de dez anos em que a autora se dedicou ao estudo do artesanato cearense. O trabalho foi apresentado como tese de doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará em 2009. No ano seguinte, foi selecionado pelo Laboratório de Estudos da Oralidade (LEO – UFC), junto com outros seis trabalhos da instituição, para compor a Coleção Ceará Cadinho que ganhou o prêmio Manoel Coelho Raposo - Publicação de Selo Editorial.

“Modelando a vida no Córrego de Areia: Tradição, Saberes e Itinerários das Louceiras” traz a teia de relações que constitui a produção de louças de barro no Córrego de Areia, em Limoeiro do Norte - Ceará. No contexto cearense, o artesanato é fonte de renda para muitas famílias, porém, segundo a autora, não devem ser

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Antropologia Social na Universidade Federal do Rio Grande do Sul

entendido apenas do ponto de vista comercial. Os bordados, os objetos de barro, madeira, couro, os trançados de palha, as rendas ou as xilogravuras adquirem funções utilitárias, decorativas, lúdicas, religiosas e trazem consigo significados, saberes e fazeres transmitidos de geração a geração.

Foi com esse olhar atento sobre o cotidiano das louceiras que Francisca Mendes se propôs a compreender os fazeres e saberes, as relações familiares, as mudanças, as continuidades, os processos criativos, as interações com os diferentes mercados e as redes de sociabilidade e de circulação de peças. Para acessar esse universo social, econômico e simbólico, a autora fez sua própria artesanaria ao reunir e tecer narrativas, memórias e imagens dessas mulheres. Durante o trabalho de pesquisa, de cunho etnográfico, foram realizadas entrevistas, conversas com as louceiras, os familiares e outros moradores da localidade, além de longos períodos de observação no cotidiano de suas casas e nas feiras.

O livro divide-se em quatro capítulos, além dos de introdução e conclusão. O primeiro capítulo – “Córrego de Areia - geografia das sociabilidades” – tem início com uma contextualização histórica e geográfica, situando o leitor especialmente sobre as atividades comerciais da região do vale do Jaguaribe entre os séculos XIX e XX. Tendo em vista que a atividade artesanal no Ceará é um meio de sobrevivência antigo, ligado à agricultura de subsistência, tornou-se fundamental entender o processo das relações sociais e econômicas no campo. As mudanças no contexto socioeconômico do município dizem respeito à substituição da agricultura de subsistência para o trabalho assalariado. Tais transformações, por sua vez, alteraram diretamente as relações sociais da produção artesanal, em especial, o tipo de ocupação que será assumida por homens e mulheres. Assim, questão de gênero releva-se importante para pensar os processos de produção artesanal e será retomada pela autora ao longo do texto.

Mendes nos apresenta ainda neste capítulo as famílias ou “núcleos familiares” que vivem no Córrego de Areia. As trajetórias familiares e das louceiras nos possibilitam perceber aspectos fundamentais que compõem a teia de relações da produção das louças de barro, entre eles: as disputas que surgem desde o local para retirar a matéria-prima até a negociação com os compradores, em especial, a Central de Artesanato do Ceará (CEART); as tradições passadas de mãe para filha; o “status” do saber artesanal familiar; as “especialidades” de cada louceira; as lideranças locais. A autora busca enfatizar que tais relações de parentesco, compadrio, vizinhança e mercadológica constroem uma rede de interação que ora mantém as louceiras coesas, ora as afasta. Nesse sentido, chama atenção para as proximidades e distanciamentos e que tais aspectos não podem ser vistos como homogêneos, gratuitos ou unilaterais.

No capítulo seguinte – “Artesanato: teoria e prática” – a autora traz o debate travado por áreas do conhecimento como a Antropologia, a Sociologia e a Filosofia sobre as categorias “arte”, “artista”, “artesanato” e “artesão”. Mendes dialoga com autores que refletiram essas categorias no contexto ocidental e moderno, com o objetivo de discutir as oposições tradição/modernidade, culto/popular, antigo/novo, local/estrangeiro, passado/presente. Tais oposições perpassam o saber-fazer das louceiras a partir, principalmente, da redefinição da lógica de mercado do artesanato cearense.

Partindo da tessitura entre a teoria e a prática artesanal no Córrego de Areia, a pesquisadora aponta uma coexistência entre o tradicional e o moderno e lança como questão principal a compreensão dos terrenos em que as interações e transformações estão ocorrendo, haja vista que as práticas artesanais observadas não são arcaicas e nem estão fechadas. Ao contrário, elas convivem cada vez mais com os interesses dos consumidores urbanos e com a intervenção institucional que leva para as artesãs cursos de *design* e encomendas em grande escala de peças específicas em curto prazo.

É também nesse capítulo que entramos em contato com o fazer das louceiras, a partir de da descrição detalhada e de registros fotográficos de todas as etapas materiais e simbólicas da produção da louça. Ela tem início com retirada do barro do “barreiro” para, em seguida, ser amassado, modelado, alisado (o acabamento) e queimado. O “tempo do barro”, as condições climáticas, a ajuda de familiares, a habilidade e criatividade da louceira, seus gestos e posturas corporais nos revelam a complexidade e a beleza desse ofício arte.

O terceiro capítulo – “O Saber-fazer: sucessão e identidade” – trata da “iniciação à arte do barro”, bem como os sentidos que as artesãs atribuem a sua prática e o que entendem a respeito do que é “ser louceira”. Segundo a autora, a base da constituição do trabalho artesanal é a organização familiar. Sendo assim, vê-se no Córrego de Areia que a iniciação, o aprendizado – tanto do saber técnico quanto das concepções sobre vida, arte e estética – são repassados por um familiar, alguém que é referência e é considerado mestre naquela arte. Como nos fala Mendes:

(...) é no ritmo da produção familiar, no convívio diário, na imitação dos gestos da mãe que as crianças são socializadas no “mundo do barro” e o repasse da tradição vai acontecendo, pouco a pouco, de forma naturalizada para quem está envolvido na produção. Uma louceira não se faz rapidamente, demora anos. O fazer é aprendido por partes e o mestre, que pode ser a mãe, uma irmã mais velha ou uma tia, é responsável pelo treinamento e aperfeiçoamento de um aprendiz. (p. 133)

A partir dos aspectos do aprendizado e da socialização no “mundo do barro” que a autora discute as categorias de gênero. Em outras palavras, as categorias que as louceiras operam ao falarem das diferenças que envolvem meninos e meninas no espaço doméstico que diz respeito aos cuidados da casa e também ao artesanato com barro. Com as mudanças socioeconômicas, mencionadas nos capítulos anteriores, os

homens afastaram-se do universo da louça e este se tornou essencialmente feminino. Contudo, a produção artesanal envolve a família e, nesse sentido, os homens não se afastam totalmente desse universo e as delimitações do que é próprio do feminino e do masculino vão sendo construídas e negociadas. No contexto atual do Córrego de Areia, as diferenças seriam reveladas pela hierarquia presente no trabalho artesanal, cujo lugar do homem está ligado às tarefas secundárias como transportar o barro, amassá-lo, iniciar a modelagem e vender as peças, enquanto nas mãos das mulheres está literalmente o cerne do saber.

A dimensão simbólica da louça ganha destaque no capítulo, visto que se relaciona, entre outras coisas, com o sentimento de ser louceira e os seus desdobramentos. Ao apresentar o valor simbólico do barro e da arte na vida das artesãs, Mendes busca lançar luzes sobre dois pontos fundamentais: de um lado, o orgulho de ser louceira, a vaidade pela criatividade e habilidade, o prazer de ter o trabalho reconhecido seja pelo mercado ou pelo título de Mestre da Cultura Tradicional Popular, Lei sancionada pelo Governo Estado do Ceará em 2003; e, por outro lado, as tensões geradas pelo próprio mercado, sendo o principal deles a CEART, e pelo título de Mestre que garante uma pensão vitalícia concedida pelo Estado.

No último capítulo – “Itinerário dos objetos” – tem como objetivo discutir a circulação das peças e os diferentes mercados. Algumas perguntas norteiam as reflexões da autora, entre elas estão as percepções das louceiras sobre esses diferentes lugares, as diferenciações entre eles, as redes de sociabilidade desenvolvidas a partir das peças de barro e a interação com os diferentes lugares e consumidores interessados na sua arte. Assim, somos levados às feiras do interior do Ceará, em especial, a de Limoeiro do Norte e Tabuleiro do Norte, bem como a refletir sobre o consumo das peças pelas próprias louceiras e a intervenção da CEART no Córrego de Areia.

Com relação à CEART, Mendes analisa as políticas públicas desenvolvidas pela instituição e os impactos gerados na produção artesanal e na vida das pessoas da localidade. A crítica feita pela autora diz respeito à forma agressiva e desrespeitosa da intervenção, que modificou uma variedade de louças existentes, criou outra produção e não levou em conta a história cultural dos grupos de artesãos.

Por fim, busca enfatizar que as transformações ocorridas no processo histórico foram marcadas por rupturas, descontinuidades, mas também por permanências. As manifestações artesanais estão, atualmente, inseridas também no circuito turístico que muitas vezes reforçam uma produção de caráter exótico, fruto de um passado distante e desconectado. Contudo, Francisca Mendes mostra em seu livro que “não é preciso negar a modernidade para que a tradição possa se reproduzir, mas é preciso averiguar se os artesãos estão interessados em ‘manter as tradições’ ou em ‘participar da modernidade’” (p.205). A prática artesanal das louceiras do Córrego de Areia não está isolada, ela transita por diferentes espaços e interage com diversos atores sociais, nos mostrando a constante criação e recriação de seu universo particular e a dinâmica da cultura.